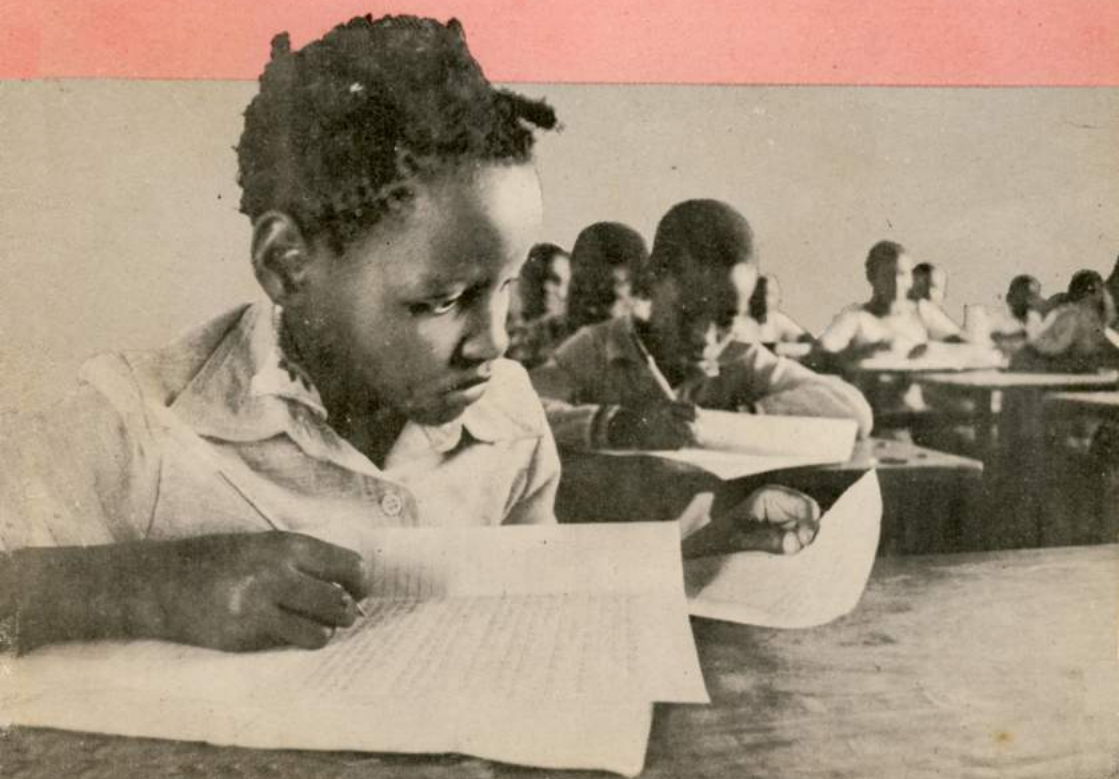


14

colecção
estudos e orientações

SAMORA MOISÈS MACHEL

ORGANIZAR
A
SOCIEDADE
PARA
VENCER
O
SUBDESENVOLVIMENTO





Colin

Durch

INTRODUÇÃO

Dentro de poucos dias vai iniciar-se o novo ano lectivo. É um momento em que todos nós — alunos, professores, pais — devemos reflectir sobre as tarefas e responsabilidades que nos cabem nesta frente de combate essencial para a vitória sobre o subdesenvolvimento, que é a frente da Educação.

Em ocasião idêntica, em 1978, falámos principalmente para os alunos. Referimos então o grande esforço que todo o nosso povo realiza para que as nossas crianças e jovens tenham acesso ao ensino.

Recordámos o sangue e o sacrifício dos melhores filhos do nosso povo que permitiram conquistar a escola, arrancando-a das mãos dos colonialistas, dos exploradores. Indicámos as responsabilidades de quem tem a obrigação de respeitar e valorizar o sangue, o sacrifício e o esforço do povo de que são feitas as paredes das nossas escolas.

Hoje, no início do ano lectivo de 1982, falaremos principalmente para os pais, para os encarregados de educação. Eles têm tarefas fundamentais, têm responsabilidades insubstituíveis na educação dos seus filhos. É necessário que todos tenham a consciência profunda dessas tarefas e dessas responsabilidades.

Durante o ano passado, a Ofensiva desencadeada nas nossas escolas e a reflexão feita no âmbito da definição das linhas gerais do Sistema Nacional de Educação, revelaram a dimensão de alguns problemas de fundo da Educação.

Simultaneamente, a elaboração do Plano Prospectivo Indicativo tornou ainda mais claro o papel estratégico que a Educação tem que desempenhar no combate da Década 1981-1990, na luta para vencermos o subdesenvolvimento.

A vitória sobre o subdesenvolvimento só é possível se vencermos a batalha da Educação, se alcançarmos sucesso nas nossas escolas a todos os níveis.

Para este combate partimos da realidade que vivemos no nosso País. Essa realidade é a fome, é a nudez, é a doença, é o analfabetismo, é a ignorância, é a superstição, é a miséria. São estes inimigos que temos de eliminar da nossa sociedade.

Alguns destes inimigos têm que ser vencidos directamente pela Educação. É pela Educação que venceremos o analfabetismo, a ignorância, a superstição. É pela Educação que o povo moçambicano se apropriará dos instrumentos necessários para conhecer, analisar, apreender e compreender o mundo e poder transformar a natureza em seu benefício. É a Educação o nosso instrumento principal para formarmos o Homem Novo, o homem liberto das ideias velhas, da mentalidade adulterada pela ideologia colonial-capitalista e tribal-feudal, o homem formado nas ideias e na prática do socialismo.

Vencer o subdesenvolvimento significa trabalharmos cientificamente a terra nas machambas estatais e cooperativas agrícolas, significa termos engenheiros agrónomos, termos veterinários. É a Educação que os tem de formar.

Vencer o subdesenvolvimento, significa tirarmos todo o aproveitamento dos nossos recursos naturais, colocarmos a natureza ao nosso serviço, significa termos engenheiros de minas, geólogos, engenheiros para projectarem as barragens, as pontes, os sistemas de irrigação, as estradas, as vias férreas e os portos. É a Educação que os tem de formar.

Vencer o subdesenvolvimento significa termos trabalhadores cada vez mais capacitados a todos os níveis, operários especializados, bons mecânicos, bons motoristas, bons carpinteiros, bons tractoristas, bons soldadores, bons torneiros, bons pedreiros, bons eléctricos. É a Educação que os tem de formar.

Vencer o subdesenvolvimento significa termos uma boa assistência sanitária em todo o País, significa termos médicos, enfermeiros, parteiras, técnicos de medicina bem qualificados para todos os pontos de Moçambique. É a Educação que os tem de formar.

Vencer o subdesenvolvimento significa termos cada vez mais e melhores escolas, termos um professor para cada 30 alunos, no ensino primário, no ensino secundário, no ensino superior. Esses professores é a Educação que os tem de formar.

Por isso, no combate da Década, o esforço que devemos fazer na Educação é particularmente decisivo. Esforço que é

de todo o povo, porque todo o povo, através do seu trabalho, contribui para desenvolver a Educação.

Este esforço tem expressão quantitativa. E é importante que conheçamos o custo social da educação, que saibamos quanto custa a formação de um aluno.

Para a formação dum aluno fazemos muitas despesas: os salários dos professores, dos escriturários, dos contínuos, dos serventes, dos jardineiros e outro pessoal das escolas, o custo da construção e manutenção das escolas, do material escolar, desde o livro e o lápis até ao laboratório de química, as carteiras e os quadros, os mapas e o giz, os campos desportivos e tantas outras coisas. Actualmente, e num cálculo que ainda não envolve todas as despesas, podemos dizer que são os seguintes os custos anuais da Educação:

- por cada aluno que se matricula no Ensino Primário, o Estado gasta 1260,00 MT por ano;
- por cada aluno da 5.^a e 6.^a classes, o Estado gasta 5970,00 MT por ano;
- por cada aluno da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes, o Estado gasta 11 080,00 MT por ano;
- por cada aluno da 10.^a e 11.^a classes, o Estado gasta 18 590,00 MT por ano;
- por cada aluno das Escolas Comerciais e Industriais, o Estado gasta 17 770,00 MT por ano;
- por cada aluno das Escolas Básicas Agrárias, o Estado gasta 31 350,00 MT por ano;
- por cada aluno do curso de formação de professores primários, o Estado gasta 26 910,00 MT por ano;
- por cada aluno do curso de formação de professores para a 5.^a e 6.^a classes, o Estado gasta 39 900,00 MT por ano;
- por cada aluno do curso de formação de professores para a 7.^a, 8.^a e 9.^a classes, o Estado gasta 119 844,00 MT por ano;
- por cada aluno dos cursos universitários, incluindo a formação de professores para a 10.^a e 11.^a classes, o Estado gasta 136 797,00 MT por ano.

Isto significa que, além da sua responsabilidade política e moral, os pais dos alunos têm também uma responsabilidade material.

Vamos exemplificar.

Um de vocês, pais aqui presentes, tem dois filhos: um na

7.^a classe e outro na 10.^a classe. A educação do aluno da 7.^a classe custa mil meticais por mês e do aluno da 10.^a classe custa mil e quinhentos meticais por mês. Portanto, para os dois custa dois mil e quinhentos meticais mensais.

Mas esta despesa não sai do salário do pai. É o Estado quem paga.

Isto em relação a um pai que tenha apenas dois filhos. E se ele tem mais que dois filhos. Quanto custa isso ao Estado?

O pai de um estudante universitário deve saber que, além do seu salário, o Estado fornece ao seu agregado familiar mais doze mil meticais por mês, sob a forma do custo do ensino do seu filho.

E quando dizemos que é o Estado que deste modo subsidia os agregados familiares dos estudantes, estamos a dizer que é o povo, porque é do trabalho do povo que esse dinheiro vem.

Por isso, afirmamos que **a Escola deixou de ser um privilégio para ser uma conquista popular.**

Portanto, esta responsabilidade material dos pais em relação ao aproveitamento escolar dos seus filhos, deve ser profundamente assumida. No tempo colonial, quando os pais tinham que pagar eles próprios, directamente, largas somas de dinheiro para que os seus filhos pudessem estudar, eles preocupavam-se com o aproveitamento escolar dos seus filhos. Recordemos que no tempo colonial quando o filho reprovava, o pai não tinha condições de continuar a pagar os estudos do filho.

Não podemos admitir que os pais se tornem irresponsáveis agora que o ensino dos seus filhos é pago pelo nosso Estado Popular.

No ano passado desencadeámos a Ofensiva nas Escolas. O que é que encontrámos?

É verdade que encontrámos alunos que são verdadeiros heróis, alunos que em condições de vida difíceis, com grandes sacrifícios, são alunos exemplares, disciplinados, conscientes, com altos índices de aproveitamento.

Mas ficámos preocupados porque encontrámos alunos que, em contrapartida, são verdadeiros marginais, indisciplinados, inconscientes, desleixados, viciados, alienados, preguiçosos.

É verdade que encontrámos professores exemplares. Mas ficámos preocupados porque encontrámos também professores incompetentes, negligentes, desmazelados, corruptos, supersticiosos, incapazes.

Encontrámos escolas que foram praticamente destruídas, escolas cheias de sujidade, escolas onde a higiene era comple-

tamente desconhecida, onde as salas de aula estavam sujas e desarrumadas. Salas de aulas com carteiras riscadas, com desenhos, nomes feitos a canivete, com as paredes sujas, vidros partidos. Encontrámos uma escola em que a piscina se tinha transformado numa lixeira, num pântano para criação de sapos.

Encontrámos situações de indisciplina generalizada, em que os alunos não respeitavam os professores, em que os professores não respeitavam os alunos.

Encontrámos professores que não conheciam os programas de ensino, que ignoravam a matéria que deviam leccionar, que não estavam preparados para dar a aula.

Encontrámos alunos que não reuniam os conhecimentos mínimos, nem sequer de classes mais atrasadas do que aquelas onde se encontravam.

Encontrámos alunos sujos, rotos, despenteados, sem um mínimo de aprumo, alunos apáticos e desinteressados.

Encontrámos situações de alunos que reprovam por faltas. Quando lhes perguntámos a razão por que tinham reprovado por faltas, alegaram falta de transporte.

Todos nós, que aqui estamos, crescemos com o problema de falta de transporte. Em pequenos, caminhávamos para a escola. Iamos a pé. Mesmo quando a escola era longe, não faltávamos às aulas. Vimos os nossos pais irem a pé para o trabalho, percorrendo grandes distâncias.

Durante a Ofensiva na Escola Francisco Manyanga, a melhor aluna duma turma era uma menina que tinha de fazer uma hora e meia a pé para chegar à escola. E chegava sempre a tempo.

Quando investigámos quem são os alunos que têm mais faltas, verificámos que a grande maioria ou vive próximo da escola ou é levado à escola de carro pelos seus familiares e falta às aulas a meio do dia.

Ao procurarmos as causas desta situação, ao falarmos com esses alunos que se distinguem pelo seu aspecto desmazelado e pelo seu comportamento marginal, verificámos que por trás de cada um havia uma história. Eram histórias que manifestavam problemas culturais, problemas sociais, problemas morais. Eram histórias que tinham um elemento comum e sempre presente: os problemas situavam-se em casa dos alunos, no seu ambiente familiar, no seu relacionamento com a família, na falta de controlo, por parte da família, da vida e do comportamento social do jovem.

Em relação aos próprios professores maus, verificámos que os seus problemas começavam também nas suas casas,

na sua vida familiar. Encontrámos um Director de uma escola secundária, em cuja casa se vivia em completa degradação moral.

Por isso, dizemos que a Educação não é uma tarefa que se realiza apenas na escola. A Educação envolve toda a sociedade, é responsabilidade de todos os cidadãos. Particularmente, a Educação começa em casa. Os pais são os primeiros e principais educadores. A primeira escola de cada cidadão é o lar em que nasceu e foi criado.

É em casa que aprendemos a distinguir o que é moral e o que é imoral, o que é ter pudor, o que é ter vergonha. É na família que se aprende o sentido profundo do que é o pai, do que é a mãe, do que é um irmão, o que é o respeito pelos vizinhos.

Dissemos que não podemos vencer o subdesenvolvimento sem vencermos a batalha da Educação. Vemos agora que não podemos vencer a batalha da Educação se não organizarmos o combate no terreno onde ela começa, se não fizermos de cada lar uma verdadeira escola para as nossas crianças, de cada pai e de cada mãe, educadores conscientes e responsáveis.

7

VALORES CULTURAIS E ESCOLA

O subdesenvolvimento não é geralmente uma falta de recursos materiais. A miséria e o subdesenvolvimento reflectem uma ignorância do homem na utilização dos recursos existentes e na aceitação passiva pelo homem da situação de miséria. As sociedades camponesas são essencialmente subdesenvolvidas porque fatalistas. A sociedade moçambicana, mesmo quando urbanizada, carrega o peso morto da herança fatalista, resignada, passiva, da sociedade camponesa.

O valor do tempo, na sociedade camponesa, tem outra dimensão. Se não se faz hoje, far-se-á amanhã. Não existe pois o sentido de pontualidade.

Na sociedade camponesa o tempo tem outro valor. A vida desenrola-se em função do Sol, em função do levantar e pôr do Sol. Ao camponês não se põe o problema: em quanto tempo realizei esta tarefa.

A medida de tempo do camponês não se faz com a fixação de metas. Por isso, ele não programa o seu tempo rigorosamente.

A economia de meios, a utilização dum mínimo de esforço para o máximo rendimento, a planificação e racionalização do trabalho são inexistentes. Ainda que incómoda e ineficiente, utilizar-se-á a enxada de cabo curto, porque a ela estamos habituados.

A família não é concebida como um lar. Para o homem é uma unidade económica que ele dirige para seu proveito, donde aumentar o número de mulheres significa aumentar a força de trabalho à sua disposição.

Para a mulher é a maneira de estar na sociedade, tem que pertencer a alguém, pai ou marido. A obrigação de educação

dos filhos resume-se ao cumprimento de certas obrigações rituais.

Numa grande família feudal é normal que o pai não conheça todos os seus filhos, é normal que tenha esposas da idade das suas netas.

Na sociedade camponesa não constitui preocupação da família o banho regular das crianças, manter as crianças penteadas, cuidar da limpeza dos dentes, ter lenço para assoar o nariz, controlar que a roupa esteja limpa, cosida, disciplinar as suas horas de refeição e as suas horas de descanso.

Isto não está nos seus hábitos, mesmo que esteja nas suas posses.

Estas atitudes carregam-se para a cidade e instalam-se na escola.

A transposição destes conceitos para a cidade conduz à adaptação na cidade da maneira de viver no campo. O pai come à mesa e a melhor comida. Os filhos, a mulher ou mulheres, comem na cozinha ou no quintal, sentados na esteira, com um pau na mão esquerda para enxutar galinhas e, na mão direita, uma caneca de água.

O pai anda vestido e calçado, os filhos rotos e descalços. Pode faltar dinheiro para o leite da criança, mas nunca para a cerveja do pai.

O assimilado substituirá a poligamia tradicional pelo amantismo, eventualmente casar-se-á com uma mulher, a mais civilizada, mas não renunciará às outras.

A superstição tradicional acrescentar-se-ão os mitos do cinema, os filmes de karate e os modelos da burguesia estrangeira.

A educação dada pelas nossas escolas, visa entre outros, a romper com esta mentalidade, a levar o homem a uma cultura, a corresponder ao modo de produção e ao desenvolvimento económico. A ciência ministrada, aliada à ideologia, ao sentido de classe são a força irresistível que varrerá o velho mundo e implantará o novo mundo.

As nossas escolas são um espelho da sociedade, das contradições, inclusive culturais, que vivemos.

Quando falamos da passividade dos alunos, da falta de pontualidade, da ausência de curiosidade e vontade de aprender, da ignorância e indiferença, perante o valor das coisas, que levam ao vandalismo e destruição das instalações e equipamentos, à sujidade, à falta de brio na apresentação, etc., estes males todos começam em casa, reflectem a vida do lar, são a herança da velha sociedade.

O nosso esforço de educação não pode pois resumir-se apenas ao aluno, tem também que incidir sobre os pais. Por vezes, e através dos locais de trabalho dos pais, temos que intervir.

Não tem sentido que um pai deixe o filho ir roto para a escola.

Um ponto particularmente grave é o abuso sexual de raparigas a partir dos 12, 13 anos de idade. Ficam grávidas, outras são dadas em casamento. São crianças, mesmo que dadas em casamento. Isto constitui um abuso sexual, um atentado frontal à dignidade humana.

Sob o ponto de vista intelectual, cultural, social, moral, e mesmo físico, o que significa uma criança de 12, 13 anos ser mãe de outra criança?

Que nível de responsabilidade moral e social ela pode ter? Nenhum. O filho que nasce é fruto do amor, é fruto de uma relação sentimental sólida? Não. É resultado de aliciamento, de inexperiência, de ingenuidade. É preciso punirmos severamente os aliciadores.

Infelizmente ainda não temos uma Lei da Família. Ao nível da Lei ainda não é punido com gravidade o casamento prematuro ou engravidamento das crianças. Frequentemente até na nossa sociedade actual, e por má interpretação aos nossos princípios, quem é punido, denunciado, exposto, são as vítimas.

A menina que fica grávida é tirada da escola, perde a bolsa, tem 15, 16 anos: mas quem a engravidou, que é adulto, que pretende ser quadro, funcionário, continua impune. É uma herança do princípio que o homem faz filhos e a mulher passivamente se deixa engravidar.

Mas há também a herança da hipocrisia burguesa que se manifesta na prática do aborto em menores. Esta prática, por vezes consentida, outras vezes até incentivada pelos pais, visa esconder o escândalo, pretende, que a filha continue a ser considerada menina, pretender conservar a «honra da família». Outras vezes são as próprias meninas engravidadas que o fazem escondidamente. Querem continuar com a prática da vagabundice.

Estas situações minam os alicerces da família, destroem a autoridade moral dos pais.

Brevemente, o Estado vai submeter à discussão popular um projecto de Lei da Família.

Ao tocarmos estes problemas na abertura do ano escolar, ao dirigirmo-nos aos pais dos alunos, estamos a afirmar que a batalha da educação é da responsabilidade de todos e primeiramente dos pais.

Estamos a dizer que esta batalha só pode ser ganha se antes de tudo, nos nossos lares fizermos triunfar atitudes e comportamentos correctos, se nos libertarmos da velha sociedade.

Queremos também dizer que é preciso que os nossos lares sejam verdadeiros lares e não apenas locais de habitação onde existem uma ou várias mulheres e filhos. Locais onde existe um pai todo-poderoso que insulta e agride a mãe, que traz mulheres para casa e onde cenas de imoralidade e bebedeira são presenciadas pelas crianças.

Sabemos que muito de errado que fazemos é apenas porque assim aprendemos. Sabemos que nas nossas inteligências e corações, existem a generosidade e vontade, capazes de transformar o mundo velho num mundo novo.

Já fomos capazes de vencer o colonialismo, de derrotar o Smith, de fazer reviver a nossa Pátria, somos também capazes de construir um futuro melhor.

2

TAREFAS DO PARTIDO E ESTADO
NA BATALHA DA EDUCAÇÃO

A batalha da Educação exige a acção organizada e coordenada dos diferentes órgãos do Partido, das Organizações Democráticas de Massas, do Estado, com particular incidência ao nível da localidade, distrito e cidade.

No âmbito do Partido, em função do que atrás já dissemos, sentimos que temos que fazer uma batalha ao nível das mentalidades e atitudes, e temos que fazer uma batalha para que a sociedade assuma a sua responsabilidade face à Educação.

Os órgãos do Partido ao nível de localidade, distrito e cidade, secretariados e comités, devem estar informados da vida das escolas e estabelecimentos de ensino. Isto significa reunir-se regularmente com professores e alunos. Conhecer o programa de ensino e verificar se está a ser cumprido. Verificar a qualidade da formação dada aos alunos, a atitude e comportamento dos professores. Conhecer a situação da escola e agir para o seu progresso, saber se existe higiene, se há bancos e carteiras e como são utilizados, se existem parques recreativos, desporto, actividades culturais. Promover a decoração da escola, a conservação do edifício e do equipamento escolar.

Sobretudo os órgãos partidários devem promover a ligação escola-comunidade, a ligação com os pais, os alunos, a ligação da escola com as unidades de produção, quartéis e estruturas administrativas.

Saber trazer artistas, cantores, dançarinos, escritores, pintores, escultores, à escola.

Trazer à escola, para realizar palestras, veteranos da luta de libertação, patriotas, quadros qualificados da produção, trabalhadores exemplares.

Em resumo, pessoas que educam as novas gerações no espírito do heroísmo, do patriotismo, do amor ao trabalho e ao socialismo.

Esta não é tarefa que o Partido realize sozinho. É uma tarefa que o Partido dirige através da OJM, da OMM, dos Conselhos de Produção, das assembleias de localidade, distrito e cidade.

O Partido deve dizer localmente a cada uma destas estruturas, qual a sua tarefa específica. Assim, por exemplo, a OMM deverá, junto das mães, apoiar a acção da escola para que as crianças venham convenientemente vestidas, não venham rotas e sujas para a escola, tenham a cara e os dentes lavados e o cabelo penteado. A OMM deve contactar as famílias cujos filhos vierem à escola rotos, despenteados, desmazelados, e explicar, como esses filhos são um factor de perturbação da vida da escola, constituem um triste espectáculo.

A OJM tem a tarefa de organizar os tempos livres das crianças, fomentar o desporto, as excursões, as actividades culturais, as palestras, o confronto construtivo de ideias.

Os Deputados do Povo devem verificar constantemente a situação da Escola, a distribuição dos livros e cadernos, a manutenção do equipamento, a utilização das latrinas, a fabricação local de carteiras e bancos na base do trabalho voluntário.

Os Deputados devem agir para que não haja desistências. Devem falar com os pais cujos filhos faltam à escola, que são tirados da escola para ritos de iniciação. Devem participar nas reuniões dos pais, e nas Sessões das Assembleias do Povo, devem levantar a discussão sobre a situação do ensino na zona territorial, pedir explicações aos directores de escola, professores, pais de alunos e encarregados de educação.

A Organização Nacional dos Professores tem uma tarefa importante neste processo, na mobilização dos pais, na sensibilização das Assembleias do Povo, no controlo da qualidade de trabalho dos professores.

Ela deve intervir na avaliação profissional, na selecção dos que devem aumentar os seus conhecimentos, na designação dos professores a serem premiados e também na purificação das fileiras.

Em colaboração com as Assembleias do Povo e com a população, a ONP deve contribuir para prestigiar a condição de professor e estar na vanguarda da melhoria das suas condições de vida.

Esta não é uma enunciação exaustiva. Foram apenas dados alguns exemplos.

Os órgãos do Partido ao nível local devem estudar a situa-

ção concreta, dirigir e coordenar a acção das Organizações Democráticas de Massas e das Assembleias do Povo, promover programas concretos de trabalho, aplicando a palavra de ordem de que a «Educação é tarefa de todos nós».

3

OS ALUNOS E A ESCOLA

Tivemos ocasião de verificar que o nosso Estado faz um grande esforço para garantir o ensino às novas gerações.

Queremos que todos os jovens atinjam o nível de 7.ª classe no fim da presente década.

O aumento dos conhecimentos não pode servir apenas a melhorar a vida individual. O esforço e os sacrifícios de todo o povo não têm por objectivo garantir que fulano possa ganhar mais porque tem maior escolarização. É óbvio que ganhará mais porque produzirá um trabalho de qualidade superior.

Mas, o objectivo real quando fazemos estes sacrifícios, quando investimos na educação, é melhorar a vida do povo, desenvolver o País.

Porque o sacrifício é feito por toda a sociedade, é normal que seja o Partido e o Estado que representam o Povo, que mobilizem o Povo a consentir sacrifícios e determinar como melhor utilizarmos os novos talentos que formamos.

Isto significa que continuarão a ser determinadas as prioridades, os alunos serão afectados de acordo com as suas aptidões, com as prioridades do desenvolvimento nacional e com os critérios de selecção de classe.

Ninguém que seja sensato vai semear arroz no areal da praia. Seria um esforço inútil. O Estado, o Povo, não querem fazer esforços inúteis, investir em marginais, preguiçosos, desleixados.

Um aluno que reprove por faltas significou um esforço inútil para o nosso Povo e o nosso Estado. Foi a semente de arroz lançada no areal da praia. Deveremos permitir que ele continue a ocupar um lugar na escola para perder o ano por faltas?

Um aluno que não faz esforços em estudar, que apenas segue passivamente as aulas, que não toma notas quando o professor lecciona, que não faz em casa os exercícios, que não lê um livro, este aluno leva o Povo e o Estado a fazerem sacrifícios inúteis.

Devemos investir em alunos que sistematicamente têm notas negativas?

Um aluno que durante a sua vida na escola primária, secundária, foi medíocre, as suas notas oscilam entre o 9 e o 11, o que irá fazer aos Institutos Médios, à Universidade?

Será que o nosso Povo quer ser tratado por um enfermeiro medíocre? Será que vamos confiar uma máquina, uma fábrica, que custaram muitos milhares de contos, a um engenheiro incapaz que só consegue tirar um 10 nos seus exames?

Temos que investir em terreno fértil, em gente que queira servir o Povo, que tenha vontade de aprender e capacidade de o fazer.

Investiremos em alunos que, na sua prática escolar, demonstrarem ter assumido a consciência do valor da independência, das conquistas que são as nacionalizações das escolas, que saibam valorizar o sacrifício dos pais, do povo, o esforço do Estado Popular.

Isto significa que investiremos no aluno disciplinado, que prepara as suas lições, faz os seus exercícios, obtém boas notas, que não se contenta com a mediocridade, mas trabalha para alcançar os máximos.

O fósforo só acende onde existe oxigénio.

No comportamento do aluno na escola, no seu aproveitamento, os pais desempenham um papel fundamental. Quanto mais exigentes forem os pais em casa, maior será o rendimento do filho na Escola.

A juventude estudantil tem problemas específicos, diferentes da juventude camponesa ou operária. Não é por acaso que em todas as organizações de juventude de todos os países, existem secções que se dedicam ao enquadramento exclusivo dos jovens alunos e estudantes.

4

OS PROFESSORES E A ESCOLA

O professor é o factor decisivo para o triunfo do nosso programa de educação, para o funcionamento correcto da escola.

Durante todo o período de infância, adolescência e juventude de um cidadão, a escola é o centro principal de actividade, o professor, o mestre, é o modelador principal da sua personalidade, o inspirador da sua concepção do mundo. O futuro do país nasce nas escolas.

A escola é o local de trabalho do aluno tal como a fábrica e a machamba são o local de trabalho do operário e do camponês.

Na escola o aluno tem tarefas, tem responsabilidades. Há por isso níveis e metas a atingir. Tal como distinguimos as melhores empresas e unidades de produção, também devemos distinguir as melhores escolas. Temos de distinguir as melhores no aproveitamento escolar, na disciplina, na conservação e manutenção do equipamento, na ligação com a comunidade, na limpeza, no desporto.

A escola é onde se prepara o bom trabalhador do futuro, o homem consciente, o homem novo.

É na escola onde se projecta a verdadeira dimensão do homem integrado no mundo, homem ciente das conquistas e vitórias da humanidade.

É na escola que se desperta o talento, a curiosidade intelectual, o espírito inventivo, o rigor da investigação e o debate.

A escola é o centro unificador da Nação. É lá onde se forja e se consolida a consciência patriótica e a unidade nacional.

Na escola não há lugar para o tribalismo, o regionalismo e o racismo.

Educar o homem não é apenas ensinar as matérias do programa, embora isso seja essencial. Educar o homem é moldar a personalidade e a dignidade do cidadão.

Para educar o homem, o professor tem que estudar, estudar a ciência que ensina, estudar a sociedade em que vive o aluno, estudar o carácter, as potencialidades e limitações de cada aluno. Assim saberá como libertar a personalidade de cada aluno, como valorizar o talento de cada criança, adolescente e jovem.

O aluno não é um ser anónimo, um número. Cada aluno tem uma família, vive numa determinada casa, em condições materiais específicas; passou ou não pelos ritos de iniciação, tem uma determinada língua materna, tem vários hábitos arrefeados.

O aluno que veio da cidade é diferente daquele que veio do campo. Aquele que mora no caniço é diferente do que mora no cimento, assim como o que vive com os pais é diferente daquele que vive com os tios, com os cunhados, com os primos. Os alunos cujos pais sabem falar a língua portuguesa são diferentes daqueles que a não sabem falar, assim como os filhos de pais alfabetizados são diferentes dos alunos filhos de pais analfabetos.

É necessário que o professor apreenda esta realidade e reflecta sobre estas condições para que o seu trabalho possa ter uma orientação correcta e o rendimento esperados.

Cada professor, ao conhecer os seus alunos, pode determinar o apoio que eles necessitam, as exigências que lhes devem ser feitas, as mudanças que são necessárias operar.

Neste processo, e para correctamente apoiar o aluno, o professor tem que conhecer os pais do aluno e saber apoiar-se nos pais e encarregados de educação, de modo que exista complementaridade entre o esforço feito na escola e o esforço feito em casa.

Muitas vezes, quando a escola é organizada e o lar familiar desorganizado, o esforço feito na escola desperdiça-se, as horas organizadas vividas na escola são apenas um parêntesis numa vida normalmente desorganizada.

Quando a nossa sociedade ainda vive a transição da palhota, da povoação e do caniço para o cimento e para escola, o esforço do professor é muito maior.

Esta transição requer uma atenção particular no quotidiano. O professor terá que ensinar a quem vive na esteira a sentar-se

na cadeira. O professor deve ensinar a quem faz necessidades no mato a utilizar uma latrina ou retretes.

O professor terá que ensinar à criança que nunca aprendeu a lavar as mãos e só brinca no chão, a brincar sem se sujar, a entrar na sala com as mãos e cara lavadas.

O professor deve zelar pelo cumprimento das regras do asseio individual do aluno, preocupar-se que ele venha para a escola limpo, com a roupa limpa, com os dentes lavados, com o cabelo penteado.

O professor terá que ensinar ao aluno que não se deve sentar no chão ou nos muros da escola, a não fazer dos pátios e das escadas da escola locais onde se penteia, onde faz as suas tranças.

Exigimos qualidades de gigantes aos professores. Mas nem sempre eles as possuem.

O professor, na maioria das vezes, é tão jovem como os seus alunos. Por isso, por vezes não tem a maturidade e o conhecimento necessários para orientar e dirigir o processo de instrução e formação dos alunos.

Não vê os erros dos alunos como erros. Por exemplo: é incapaz de ver a necessidade de ensinar aos alunos a ordem, a limpeza, seja a nível dos cadernos, dos livros, seja a nível do seu vestuário, do seu quarto ou refeitório.

O professor ainda não presta suficiente atenção à libertação da iniciativa da criança e à orientação dessa iniciativa. É-lhe indiferente que o aluno siga a aula passivamente, que se sente no chão, que esteja numa posição incorrecta.

Muitas vezes contenta-se em pôr as crianças a repetirem como um papagaio uma frase que lhes ensina, e não se preocupa que seja compreendida. Não ensina correctamente, nem avalia com rigor.

O professor, por vezes, não se identifica como modelo que é para os alunos. Pode funcionar assim como modelo negativo, quer seja pelo seu autoritarismo, pela inconsistência das suas palavras, pela contradição entre o que diz e o que faz, pela contradição entre o que exige dos alunos e o seu próprio trabalho, a sua própria apresentação, as suas crenças, os seus valores.

Este professor não valoriza — por diversas razões que por vezes o ultrapassam — a sua profissão. Não reconhece o seu poder como educador, trabalha muitas vezes sem entusiasmo. Neste sentido, vê alunos mais como números que como gente. Aplica automaticamente programas e orientações, que nem sequer se dá ao esforço de ler e interpretar.

Não há preocupação, como dirigente do processo de ensino-aprendizagem, de conhecer a origem dos alunos, a sua história, a sua situação social, para definir, como trabalhar com eles, como educá-los.

Por isso, o Centro de Formação de Professores tem de considerar este tipo de problemas. A formação de professores não é apenas um problema técnico. Trata-se da formação de um agente transformador da sociedade.

O professor deve educar o aluno para que este tenha orgulho da sua origem de classe. Para isso, ele próprio, professor, deve saber situar-se em relação à sua própria origem, deve valorizá-la como forma de exemplo educativo. Porque o professor é o petromax que nos conduz para fora da escuridão, do obscurantismo, dos preconceitos, dos complexos de origem social.

Isto resulta muitas vezes de os professores sentirem a sua condição como transitória. Sentem que a profissão não é suficientemente prestigiada.

Assim há professores que abandonam a sua profissão para empregos melhor pagos, menos exigentes em termos de responsabilidade. Há os que faltam às aulas a fim de realizarem trabalhos extras que lhes dão maior remuneração. Chegam a pagar adiantado as faltas que vão cometer.

Outros organizam-se por turnos para faltar, deixando os alunos com os professores que faltarão no turno seguinte.

Jovens recém-formados, por vezes, manifestam resistência em serem colocados fora da cidade de Maputo e, sobretudo, serem colocados nas zonas rurais.

Os maus professores, quando afastados do ensino não devem melhorar as suas condições materiais, nem devem ser admitidos no Aparelho de Estado.

Mas, devemos reconhecer, que a grande maioria dos professores tem um comportamento heróico, digno, esforçam-se por superar as insuficiências e consagram a sua energia, com meios limitados, à formação das novas gerações.

A Organização Nacional dos Professores, as Assembleias do Povo e o Ministério da Educação e Cultura, deverão apoiar estes professores exemplares, prestigiá-los e saber melhorar as suas condições de vida, dar prioridade a estes quadros concedendo-lhes bolsas de estudo e outros meios para aumentarem os seus conhecimentos.

5

OS PAIS E A ESCOLA

A escola é um campo de batalha fundamental.

A juventude é terreno fértil, onde qualquer semente germina. Ela não é revolucionária nem reaccionária à partida. Por isso, a juventude é o centro permanente de disputa entre nós e o inimigo. Assim, a questão das ideias correctas ou erradas triunfarem em cada geração depende do que foi a educação dessa geração. E porque nós temos as ideias correctas, temos a certeza de que a juventude está do nosso lado.

A escola é elemento essencial nessa educação.

Mas não é o único. O lar é o segundo elemento fundamental.

Escola e Lar têm que se combinar para garantir a educação correcta de cada geração.

Os pais são os primeiros educadores em quem assentam as bases para a formação da personalidade dos filhos. Estes, mesmo depois de crescidos, com frequência, positiva e negativamente, reflectem a educação recebida em casa.

Por isso dizemos «não tomou chá» quando queremos dizer que uma pessoa foi mal educada.

Constatamos nas escolas, os problemas criados por crianças cujos pais estão divorciados. São crianças com traumatismos psicológicos, com desequilíbrios emocionais. E esses casos são muito frequentes.

Há homens que têm filhos de várias mulheres, e que não se preocupam com nenhum dos filhos.

Há mulheres com filhos de pais diferentes.

Estas crianças afluem à escola e transportam para o seio das outras crianças os problemas e as imoralidades de que são testemunhas.

A composição familiar, a harmonia entre os pais, as separações, os casamentos polígamos, o afastamento das crianças para serem educadas por outros parentes são factores que determinam a afectividade da criança, o seu equilibrio psiquico, o dinamismo, a vontade de aprender, a iniciativa — elementos que influenciam o seu comportamento em relação ao estudo, à escola, e à sociedade.

Há pais que pensam que a sua responsabilidade pela educação do filho termina no dia em que este entra na escola. Isto representa ignorância, obscurantismo, inconsciência, relaxamento mental, em suma, significa demissão da responsabilidade de educador. Há pais que têm dificuldade em controlar o comportamento do filho na escola. Nunca foram à escola, não conhecem como funciona a escola, pensam que são incapazes de orientar os filhos, porque são estes que sabem ler, escrever, contar, falar português, conhecem geografia, falam de história.

Outros julgam-se demasiado ocupados na vida quotidiana para poderem seguir a vida dos seus filhos. Vemos que até nas escolas da FRELIMO, frequentadas por filhos de militantes, quadros e dirigentes, poucos são os que vão às reuniões de pais, que contactam os professores que assumem efectivamente a responsabilidade de educadores.

Muitos pais só se apercebem da situação dos filhos quando surgem dramas, reprovações, casos de delinquência e marginalidade, sem terem consciência de que essas situações são resultado da apatia que eles demonstraram em relação ao processo da educação dos seus filhos.

Há pais que só contactam a escola no dia em que o filho reprova, por mau comportamento ou por faltas, ou por gravidez. Há pais que chegam a fazer exposições pretendendo justificar as faltas que os filhos dão nas escolas.

Pesam ainda sobre os pais as influências nefastas da educação tradicional, colonial, de mitos e práticas supersticiosas e religiosas. Assim, a influência exercida na educação tende sempre a ser conservadora.

Este conjunto de factores exige uma coordenação estreita entre o lar e a escola, entre os pais e professores.

Os pais têm que compreender como funciona a escola. Têm que compreender aspectos tão simples como o significado das notas, da reprovação, da necessidade de assiduidade e pontualidade às aulas, a maneira como utilizar e conservar o uniforme, os cadernos, os livros.

Eles têm que seguir a escola, viver a escola, aprender a estar ligados ao professor, ao director de turma. Devem conhe-

cer qual é o programa escolar do seu filho, se ele está a ser dado. Verificar se o filho estuda em casa, se faz os exercícios, organizar e controlar os tempos livres do seu filho, saber o que ele faz quando está fora de casa, onde esteve, com quem andou.

Portanto, os pais devem combinar o lar com a escola para assegurar a educação dos seus filhos. Isto significa que se devem preocupar que o filho vá limpo e penteado para a escola, com os dentes lavados, unhas cortadas, que o seu uniforme ou roupa não estejam rotos, que levem os livros e os cadernos necessários para as aulas.

A criança que na escola aprende a utilizar uma latrina, ao chegar a casa deve continuar a utilizar uma latrina. A criança que na escola aprende a sentar-se numa carteira, em casa não se deve sentar no chão. A criança que na escola aprende a pontualidade, em casa deve ter horas fixas para a refeição, para se deitar, para acordar. A criança que na escola é ensinada a fazer perguntas, estimulada na curiosidade, libertada na iniciativa, em casa não deve ser reprimida para se tornar passiva.

Esta ligação Escola-Lar, professor-pais, deve ser progressivamente institucionalizada. Numa primeira fase, devem ser criadas as associações dos pais dos alunos de cada escola, sob orientação dos órgãos locais do Partido e com o apoio e a acção dinâmica das Organizações Democráticas de Massas e das Assembleias do Povo locais.

O povo conquista o poder nas escolas de maneira organizada, para levar as escolas a servir o povo. Os pais são o instrumento principal dessa conquista do poder.

Isto exige que os pais assumam as suas responsabilidades e, em primeiro lugar, se sensibilizem sobre a tarefa de educar os filhos e acompanhar a sua vida escolar. Ser responsável implica prestar contas dos seus actos, e ser penalizado quando estes são errados.

Há pais que retiram os filhos das escolas sem observar as normas legais. Em particular as filhas são retiradas quando atingem a puberdade.

Há pais que deixam os seus filhos reprovar por faltas, e que, face à indisciplina e até a actos de vandalismo dos seus filhos, se contentam em afirmar que isso é com a escola ou com o professor, como se os filhos deixassem de ser seus.

A retirada dos filhos da escola, as reprovações por faltas têm que ser penalizadas. Não basta perderem o direito a futuras matrículas.

Porque o Povo e o Estado fizeram esforço, despesas inúteis,

é então necessário que essas despesas e o esforço sejam reembolsados. Por outras palavras, ao retirar-se um filho da escola, fora das normas legais, ao permitir-se que um filho reprove por faltas, não só se perde a matrícula como também ter-se-á que pagar ao Estado a indemnização correspondente às despesas inutilmente feitas.

Não podemos autorizar que os centros-internatos sirvam para recolher os maus alunos, os alunos indisciplinados. Os internatos, os lares destinam-se aos bons alunos, aos alunos disciplinados, aos filhos de operários, camponeses, militantes que garantem, pelo seu comportamento e capacidade, servir o Povo.

O Ministério da Educação e Cultura estudará estes problemas e apresentará propostas de solução.

6

CONCLUSÃO

Toda a sociedade tem os seus alicerces em valores morais, em princípios ideológicos, nos quais assenta o seu poder. A nossa Revolução abalou profundamente os alicerces da sociedade colonial. As nacionalizações do ensino, da justiça, da saúde, e a recuperação da terra constituíram um momento de ruptura dos fundamentos mais sagrados da mentalidade colonialista e colonizada.

Este abalo da superestrutura não é só uma transformação dos valores ideológicos, dos valores políticos. É também um abalo dos comportamentos, das atitudes, do relacionamento entre as pessoas, dos hábitos de vida.

A nossa sociedade está em transformação.

Ela é hoje caracterizada pela confrontação entre os vestígios da sociedade colonial e a nova sociedade de homens livres que estamos a construir.

Os aspectos a que nos referimos, da vida das nossas escolas, do papel dos pais na educação dos seus filhos, reflectem os problemas que vivemos na nossa sociedade em transformação.

São aspectos que são transportados dos hábitos da vida camponesa que, mesmo na cidade, são ainda predominantes nas relações familiares.

É portanto na vida familiar que deve incidir o esforço organizativo para a afirmação dos valores da nossa Revolução. A família é a célula da nossa sociedade. A sociedade não pode viver organizada enquanto a família não viver organizada. A escola não pode viver organizada enquanto a família não viver organizada.

A criança que em casa vive penteada, a criança que em

casa lava as mãos antes de se sentar à mesa para comer, a criança que pede autorização para sair da mesa ou para ir brincar, a criança que sabe as horas a que deve sair para a escola, as horas a que deve tomar as refeições, as horas a que deve estudar, as horas a que pode brincar, as horas a que se deve ir deitar — esta é uma criança com vida organizada, esta é uma criança que contribui para que a sua escola viva organizada.

Esta criança é um factor importante para que o professor desempenhe correctamente a sua tarefa, para que se concentre na sua tarefa principal que é ensinar.

Por isso dizemos que a escola é a continuação, na sociedade, da acção educativa dos pais e da família. A escola dá a dimensão global ao homem. É na escola que ele ganha a consciência do seu lugar no mundo.

A família e a escola são, portanto, dois aspectos do mesmo processo: o processo da formação do homem que constrói e consolida a Nação Moçambicana.

A Nação implica uma sociedade organizada. E para se organizar a sociedade é preciso que criemos um pensamento comum, que tenhamos os mesmos objectivos e as mesmas aspirações, que criemos comportamentos e atitudes que se enquadrem nos nossos valores revolucionários.

Organizar a vida no lar é um combate de cada um de nós. É a expressão prática, dia a dia, da luta entre o velho e o novo. Luta em que o novo tem que triunfar sobre o velho.

Não se trata de um sonho. É um combate que existe desde que o Homem se comeu ou a organizar em sociedade, desde que a Humanidade existe.

É da natureza do Homem desejar ultrapassar-se, criar formas de vida cada vez melhor organizadas.

Organizar a sociedade e consolidar a Nação significa reforçar a nossa unidade, significa fazer de cada cidadão um verdadeiro patriota sempre pronto a lutar pela construção e deusa da sua pátria socialista. E é nos nossos filhos onde começa o patriotismo. Eles são os alicerces da Nação Moçambicana. São eles a geração que deve brilhar como o Sol.

E é por isso que apelamos a todos os homens, mulheres, jovens, a todos os pais, para que, fazendo da educação uma tarefa de todos nós, saíamos vitoriosos desta batalha.

Ao dirigirmo-nos aos pais, fazemos um apelo patriótico, fazemos um apelo de humanidade, dizemos, temos que garantir um futuro brilhante para as crianças, temos que garantir um futuro brilhante para a nossa Pátria socialista.

A eles dirigimos um apelo para que saibam criar nos seus

filhos o orgulho de ser bom aluno, de ser um aluno bem comportado na escola, na casa, na rua.

Queremos igualmente que os pais se sintam orgulhosos pelos êxitos escolares e pelo comportamento dos seus filhos.

Queremos criar as condições para que, já nesta geração, a doença, a fome, a miséria, o analfabetismo, a ignorância, comecem a desaparecer definitivamente da nossa Pátria.

Tal como saímos vitoriosos da luta contra o colonialismo, tal como esmagámos a agressão racista do regime ilegal de Smith-Muzorewa, também sairemos vitoriosos desta batalha porque, uma vez mais, saberemos associar a energia e a inteligência de todo o Povo, pela Paz, pelo Progresso, pelo Bem-Estar, pela Felicidade.

É tarefa de todos nós organizar a sociedade para podermos vencer o subdesenvolvimento.



APÊNDICE



Síntese das tarefas dadas por Sua Excelência o Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, na sua intervenção «Organizar a Sociedade para Vencer o Subdesenvolvimento».

1 — TAREFAS DO PARTIDO

Ao nível de localidade, os órgãos do Partido devem:

- estar informados da vida das escolas;
- reunir-se regularmente com professores e alunos;
- conhecer os programas de ensino e verificar o seu cumprimento;
- verificar a qualidade da formação dos alunos e a atitude e comportamento dos professores;
- promover a higiene nas escolas;
- promover a conservação e a manutenção dos edifícios e do equipamento das escolas, promover o seu estado permanente de limpeza e arrumação, promover a decoração das escolas;
- promover a ligação escola-comunidade, a ligação com os pais, os alunos, as unidades de produção, as unidades militares;
- promover a ida às escolas de artistas, cantores, dançarinos pintores, escultores;
- promover a realização nas escolas de palestras dadas por veteranos da luta de libertação nacional, patriotas, quadros qualificados da produção, trabalhadores exemplares;

- promover, em coordenação com as ODM's e as Assembleias do Povo a criação de associações de pais de cada escola;
- promover a distinção das melhores escolas no aproveitamento escolar, na disciplina, na conservação e manutenção do equipamento;
- dirigir e organizar a participação activa das Organizações Democráticas de Massas na realização destas tarefas, através de programas concretos de trabalho.

2 — TAREFAS DOS DEPUTADOS DO POVO

- verificar a situação das escolas;
- verificar a distribuição de livros e cadernos;
- verificar a manutenção e conservação do equipamento escolar;
- promover a fabricação local de equipamento escolar, nomeadamente bancos e carteiras, na base de trabalho voluntário;
- participar nas reuniões de pais;
- nas sessões das Assembleias do Povo, levantar a discussão sobre a situação do ensino na respectiva zona territorial;
- pedir explicações e informações sobre a situação das escolas aos directores das escolas, aos professores e pais dos alunos.

3 — TAREFAS DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL DE PROFESSORES

- mobilizar os pais para assumirem as suas responsabilidades de educadores;
- sensibilizar as Assembleias do Povo para a discussão e resolução dos problemas das escolas;
- participar no controlo da qualidade do trabalho dos professores;
- intervir na avaliação profissional dos professores, na selecção dos que devem aumentar os seus conhecimentos, na designação dos que devem ser premiados e na purificação das fileiras a nível dos professores;
- contribuir para prestigiar a condição de professor e para melhorar as suas condições de vida;
- promover entre os professores a preocupação per-

manente de conhecer os alunos, compreender as diferenças entre eles, conhecer os seus problemas, agir de acordo com um conhecimento profundo da realidade social e cultural em que a escola está inserida.

- promover entre os professores a consciência de que o professor é sempre um modelo para os alunos e de que deve ser um modelo dos valores positivos.

4 — TAREFAS DAS ODM's

- é tarefa específica da OMM apoiar, junto das mães, a acção da escola para que as crianças se apresentem limpas e correctamente vestidas;
- é tarefa específica da OJM organizar os tempos livres das crianças e jovens estudantes, fomentando o desporto, as excursões, as actividades culturais, as palestras e o confronto construtivo de ideias entre os alunos.

Tiragem 20 000 exemplares
Registado no INLD sob o N.º 0293/INLD/82
Composto e Impresso na Tip. «Noticias»
M A P U T O
República Popular de Moçambique
Fevereiro de 1982



1980/1990 - DÉCADA DA VITÓRIA SOBRE O SUBDESENVOLVIMENTO